

Ainda sobre a fala.

Maria Luiza Arruda Rodrigues.

Adélia nasceu em 1951. Quando a vi pela primeira vez, estava em mutismo, catatônica. Após alguns dias, falou-me de umas vozes que ouvia e que a mandavam fazer coisas. Tinha estado no Manicômio Judiciário, durante três anos, por ter assassinado um homem.

Seu discurso (se assim, forçadamente, posso chamá-lo) encantou-me. Durante quase dois meses nós nos encontrávamos no pátio do hospital para conversar. Ela me contava sua vida..

“O importante é ver em que isso corresponde à demanda, feita de viés, para integrar o que surgiu no REAL, e que representa para o sujeito essa alguma coisa dele mesmo que ele nunca simbolizou. Uma exigência da ordem simbólica, por não poder ser integrada no que já foi posto em jogo no movimento dialético sobre o qual viveu o sujeito, acarreta uma desagregação em cadeia, uma subtração da trama da tapeçaria, que se chama delírio. Um delírio não é forçosamente sem relação com um discurso normal, e o sujeito é bem capaz de nos participar, e de se satisfazer com isso, no interior de um mundo em que toda comunicação não foi interrompida.”

(Lacan, Sem. 3, lição de 11 de janeiro de 1956)

Sobre Adélia, sucintamente, posso lhes dizer que ficou órfã de mãe aos 7 anos de idade e que foi privada da companhia do pai porque não era homem. Seu pai dizia que “mulher é difícil de cuidar” e entregou-a, assim como todas as outras filhas, às respectivas madrinhas.

Contou-me que sua enfermidade iniciou-se na infância, com 10 anos de idade, tendo “corrido doida” após ter sido mordida por um cachorro doido, 7 dias antes. Começou a ser hospitalizada desde então.

“O que é o início de uma psicose? Uma psicose tem, como uma neurose, uma pré-história? Haverá ou não uma psicose infantil?”
Estas são indagações feitas por Lacan no início de seu Seminário sobre as Psicoses.

“Dizem que eu danei-lhe a fâca calada...” É assim que ela me anuncia sua história..

“Tive 9 irmãos ,6 homens e 4 mulheres (uma é morta).Meu pai ficou com os machinhos. Ele era pescador. Levava eles pra todos os lugares, até pro mar. As meninas ,ele deu pras madrinhas criar. Ele não sabia cuidar. Eu fiquei com Maria dos Passos ,que ainda é viva..

..Eu sou enjeitada de todos eles...não tem pra onde correr. Não sei por que...a mãe e as irmãs dela não gostavam de mim..

Sempre gostei de bicho. Com 10 anos ,gostava de brincar com cachorro. Fui cheirar o focinho do cachorro e ele me mordeu. Só penso que foi a doença do cachorro : eu corria e atentava toda a gente.

Faz três anos que conheci meu patrão Everaldo. Ele era mais novo que eu pouquinho. Eu estava doente ,sentada no banco da praça. Tinha dormido numa igreja.

O sacristão não viu eu me esconder embaixo do altar. No outro dia , quando ele abriu a porta , deu comigo e saiu gritando : você é viva ou morta? Eu disse :sou viva.

Dormi lá muitos dias , ele deixava. Um dia , meu patrão me viu no banco , sentada ,e perguntou se eu queria trabalhar na casa dele.

“Eu não quero ir porque possa ser que eu faça alguma trela e o senhor chame a polícia.”

Ele sabia que eu era doente. Eu não sou doida...eu tenho uma doença que a cabeça fica oca. Aí eu fico estranha e dizem que eu digo besteiras.

Saí do Manicômio em janeiro. Gosto de lá.. Lá é bom :cuidam da gente. Eu queria voltar pra lá. Quando eu cheguei , me botaram num quarto só. Eu via muitos túmulos e covas. Eu não queria dormir porque sabia que ia morrer. Depois eu disse : é bom que eu morra logo. Eu morro e já me enterro.

*Tenho um filho que estava muito aperreado. Aí eu pensei que ele ia viver no inferno que eu vivo e pensei :eu mato ele e me mato. Fica tudo bem. Fui lá dentro ,peguei o revólver, enchi de bala...Quando ia atirar ,veio uma coisa e disse: **joga fora!** Eu joguei.*

Fazia um mês que eu estava na casa de meu patrão. A gente dormia junto ,na mesma cama e eu amava ele. Era Deus no céu e ele na terra.

Vevéu tinha mandado eu fazer almoço – peixe ,galinha , buchada. Eu e Preta , outra colega dele.

*Agente tava comemorando o telefone dele que ia chegar.
Fomos para a praia e eles farraram muito , mas eu não bebi nada.
Estava sem vontade. Parecia que tinha que acontecer alguma coisa.
Em casa ,ele mandou eu colocar a comida e eu ,depois ,fui dormir .Ele me chamou e pediu pra eu colocar um disco e, como eu não acertei, ele deu em mim. Só apanhei dele na vida...Meu pai nunca bateu em mim ,nem bebia.. Eu não gostava de meu pai. Ele me desprezou ,me deu maltrato. Falava mal da minha mãe –dizia que ela estava no inferno.*

Minha mãe morreu com sete dias de parto. Minha avó bebia muito e deu pra ela azeite preto e óleo de rícino. Ela morreu de hemorragia. O médico disse que a mãe matou ela. A menina morreu no outro dia ,de fome.

Essa doença pega eu na fraqueza , quando eu não me alimento. Se eu estiver forte , nada pega em mim. Dessa vez agora , eu estava na casa do meu irmão e não me davam comida. Ai eu fiquei doente.

Antes de matar Vevéu ,três dias antes , o cachorro dele me mordeu. Eu fiquei escumando e fiquei doente. Eu sabia que o cachorro estava doente ...não teve mais jeito. Meu patrão matou o cachorro com um tiro ,mas eu fiquei doente.

*Eu não me lembro direito do que aconteceu. Ele me chamou pra botar os discos e eu me levantei e coloquei o de Roberto Carlos. Ele não gostou e me bateu. Ele disse pra eu descascar um abacaxi pra ele. Eu descasquei e trouxe pra sala. Depois disso , eu não me lembro de mais nada.. **Dizem** que voltei pra cozinha ,peguei a fâca e matei ele. **Danei-lhe a faca calada.** Dizem que ele me disse : ' ai , menina ,tanto que eu te amo e tu me matasse!' Dizem que eu fiquei lá junto dele e que ninguém conseguiu me tirar até que chegou a polícia. Eu não vi o corpo. Nunca mais eu vi Vevéu. Dizem que ele morreu.*

Eu tive 9 filhos ; morreram 4 e tem 5 vivos. Foi o tanto de minha mãe.

Tive dois homens. Um morreu e o outro é vivo. Vive com outra mulher. Zé Arruda foi o primeiro e bebia muito e me judiava. Tive 5 filhos dele. Ele me deixou. O outro , é morto. Morreu de hérnia um mês depois da morte de Vevéu. Ele tinha outra mulher e vinha me ver . Tive 4 filhos . Mesmo com Everaldo ,a gente se encontrava. .

Tudo isto aconteceu por causa do cachorro...do primeiro.

Não tem mais jeito pra mim...quem é doido não tem mais jeito...Tá bom , mas depois dá a Moléstia dos Cachorros e não fica mais bom..”

A transparência e a crueza da fala dessa mulher nos colocam algumas das questões centrais das Psicoses. Ela nos comunica toda a sua vida , no que há de mais fundamental ,expondo suas feridas “à flor da terra “, mas numa estranheza ,numa distância de si mesma que nos conduz à categoria do diferente. Seu estilo não faz poesia ,escancara o que de si se perdeu e voltou, sem máscara ,sem engano , num outro lugar.

Revedo seu texto ,um aspecto me chama a atenção : ela vinha sempre em mutismo. Também emudeceu quando encenou o ato que deve (talvez) ter sido o mais trágico de sua história. Como Lacan observa , “quão significativa é esta suspensão de toda possibilidade de falar.”

Se nos reportarmos a Freud , no relato do Homem dos Lobos , na cena descrita do dedo cortado , à suspensão da fala superpõe-se a imagem alucinada..

“A cena é a seguinte:

Brincando com sua faca , ele cortou o dedo ,que só ficou preso mesmo por um pedacinho de pele. O sujeito conta esse episódio num estilo calcado no vivido. Parece que toda referência temporal tinha desaparecido. Ele sentou-se em seguida num banco , ao lado de sua ama ,que é justamente a confidente de suas primeiras experiências e não teve a coragem de falar com ela sobre isso...precisamente com a pessoa a quem ele falava de tudo ,e especialmente de coisas dessa ordem. Há aí um abismo ,uma imersão temporal , um corte da experiência ,depois do que resulta que não há absolutamente nada , tudo acabou...o que é recusado na ordem simbólica reaparece no REAL.”(Lacan , SEM. 3 ,AS PSICOSES)

As crises de Adélia traziam-na sempre sem fala. Depois o discurso fluía claríssimo ,embora num estilo estranho. Ela só se ouve quando a voz lhe diz o

que fazer: a voz que evitou (como ela acredita) que matasse seu filho assim como a avó havia matado sua mãe.

*Quando me fala dos homens que teve , suprime a existência daquele que talvez tenha sido o mais importante em sua vida :o que matou. **Quem Adélia matou ? Quem matou em Adélia?***

De que nos fala um psicótico ? “...Dele, sem dúvida , mas em primeiro lugar de um objeto que não é como os outros ,de um objeto que está no prolongamento da dialética dual – ele fala ...de alguma coisa que lhe falou..” (Lacan , no SEM. sobre As Psicoses)

‘É viva ou morta?’ , pergunta –lhe o sacristão . Que inscrição que não foi cunhada teve que ser atuada para fazer sentido, para ser articulada, para se inserir em sua história ?

Adélia fala todo o tempo como EU ,em primeira pessoa do singular. De “um a outro”, absolutamente aprisionada ao seu eu com o qual nos fala. Há aí um sujeito ? Da forma como o pensamos , decerto não há ;mas há um que nos convoca – a nós enquanto sujeitos – tocados pela miragem do que surgirá.

No relato da alucinação, bem como quando me conta do seu crime, surge uma terceira pessoa, esse terceiro que é o “seu substituto de reserva”, que fala e comenta seus atos, que lhe conta a sua história, desde fora. Só assim pode-se ouvir dentro do corte de sua experiência.

*“ A minha mãe morreu de hemorragia ...a mãe dela lhe deu azeite preto e óleo de rícino... a menina morreu no outro dia, de fome...
Essa doença só pega eu na fraqueza, quando eu não me alimento...”
Sua fala transita de eu a eu, outro minúsculo e espelho, passível de ser aniquilado para reduzir a destrutividade original que sustenta cada um.*

É dessa forma que ouvi Adélia..

*Retomo as indagações postas no início (entre outras) feitas por Lacan e por cada um de nós: **Há uma pré-história da psicose? Há psicose na infância?***

*Adélia situa a pré-história da sua doença na infância, tal como Freud nos relata um “**momento psicótico**” para o então pequeno Homem dos Lobos.*

De uma errância a outra, eles não sabem, literalmente, o que dizem.

E nós? O que fazemos com isto?

Recife, 25 de Março de 2003,

Maria Luiza Arruda Rodrigues.

Bibliografia:

Freud, Sigmund- Das Obras Psicológicas Completas, 1ª Edição, Rio de Janeiro, Imago:

O Caso de Schreber

Uma Neurose Infantil

Lacan, Jacques- O Seminário, Livro 3- As Psicoses, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.